

ALÉM DE REGOZIJAR-SE COM A VITÓRIA DO TALIBÃ: A VISÃO ALTERNATIVA DE UM PAQUISTANÊS COMUM

Escrito por um paquistanês comum (HP), enviado por Reza Hasan, traduzido e adaptado por Aureo Vieira*



Imagem: The Quint.

A fulminante tomada do poder pelo Talibã no Afeganistão, forçando os Estados Unidos a uma humilhante e caótica retirada de Cabul, gerou certa satisfação no Paquistão, ainda que isso não traga benefícios tangíveis ao país. No entanto, a resposta oficial paquistanesa foi comedida e baseada em realidades preocupantes.

Há um grande prazer no Paquistão com a impressionante tomada do poder do Afeganistão pelo Talibã. Isso se deve principalmente à “humilhação” infligida aos Estados Unidos por uma força maltrapilha de 60.000 a 70.000 combatentes do Talibã, cujo avanço relâmpago inesperadamente forçou os americanos a uma retirada caótica de Cabul.

O fato de a Índia também ter que sair às pressas é a cereja do bolo. Não importa se a “humilhação” sofrida pelos EUA e pela Índia oferece poucos benefícios substantivos para o Paquistão. Somos movidos por emoções e aplaudimos de maneira mesquinha os eventos que terão consequências para o Paquistão. É hora de fazer uma pausa e colocar nossas comemorações em espera.

O resultado final no Afeganistão não pode ser previsto – a situação continua a evoluir. Mas em meio a todo o entusiasmo com a “vitória” do Talibã, existem alguns fatos preocupantes que devemos conhecer.

1. A Tomada do Poder pelo Talibã tem muito pouco impacto na ordem global. O Afeganistão não figura na rivalidade de grande poder, que está centrada em grandes questões como a geopolítica ártica e a soberania chinesa no Mar da China Meridional;
2. Existem outras áreas de conflito que são o campo de batalha das grandes disputas de poder. Para citar alguns: o surgimento da China como um desafio ao domínio ocidental na economia mundial, a pegada crescente da China na África, América Latina e outras partes da Ásia e a postura assertiva da Rússia na Europa como resultado do aumento da confiança em sua potente capacidade militar;
3. Os coturnos dos EUA podem ter deixado o Afeganistão, mas a presença dos EUA continuará. A CIA agora assumirá de onde os soldados partiram e será um jogador ativo no Afeganistão. Os Estados Unidos não permitirão uma passagem tranquila para a China e a Rússia, que fizeram movimentos conciliatórios em relação ao Talibã. O concurso está definido para continuar. Embora possamos gritar e aplaudir a vitória do Talibã, o interesse global no Afeganistão deve ser visto em contraposição a essa perspectiva mais ampla.

O curso futuro dos eventos tem implicações para os cinco países que fazem fronteira com o Afeganistão e para a região em geral. O país mais afetado por esses eventos é, sem dúvida, o Paquistão. Precisamos ter muito cuidado. É encorajador notar que a resposta oficial do Paquistão à Tomada do Poder pelo Talibã foi medida e baseada em realidades preocupantes.

1. O Tehreek e Taliban Pakistan (TTP) sempre foi e continua a ser uma ameaça existencial ao Paquistão. Sua intenção declarada de estabelecer um Emirado Islâmico em áreas que incluem o KP e o ex-FATA encontra ressonância em segmentos de nossa população;
2. O TTP foi totalmente derrotado pelo Exército do Paquistão, mas encontrou refúgio no Afeganistão. Ela se reagrupou sob o patrocínio do Talibã, de agências de inteligência hostis e do governo de Cabul;
3. O TTP e o Talibã compartilham uma ideologia e ambições políticas comuns. O Talibã permitiu espaço para o TTP e ficou em silêncio ou pior, facilitou o ataque deste último ao Paquistão, mais recentemente aos postos do Exército do Paquistão na fronteira Afeganistão-Paquistão. Que o Talibã use o TTP para alavancar suas demandas sobre o Paquistão – o primeiro sendo permitir a entrada de todos os afegãos no Paquistão com base em seus cartões de identidade nacionais – é uma possibilidade distinta;
4. A versão 2 do Talibã é uma organização mais sofisticada do que o Talibã da década de 1990. Eles estão fazendo os ruídos certos, mas a verdadeira história só se revelará nos próximos dias e semanas;
5. Eles, entretanto, compreenderam o valor do comportamento internacionalmente aceitável, sabendo que a assistência internacional, tão crucial para a sobrevivência, será concomitante com tal comportamento. Mas o Talibã não é uma organização monolítica e, como sugerem os relatórios, os comandantes locais estão realizando buscas de casa em casa

por pessoas que trabalharam para o governo de Cabul. Isso contradiz a anistia geral anunciada pela liderança do Talibã em Cabul;

6. O Paquistão provavelmente está consternado, mas não surpreso, que o Talibã tenha convidado os indianos de volta ao Afeganistão para concluir o trabalho em projetos de infraestrutura inacabados. Nenhuma atividade hostil ao Paquistão deve ser permitida, afirma o Talibã, mas isso ainda está para ser visto. É evidente que o Talibã manterá boas relações comerciais com a Índia e, no futuro, pode muito bem exigir a hâ muito negada conectividade terrestre com a Índia.

Alguns resultados potencialmente perigosos merecem consideração:

1. A propensão de culpar o Paquistão pelo fracasso dos EUA e de seus aliados em vencer a “guerra para sempre” está prestes a ganhar ímpeto. Autoridades dos EUA e da Índia há muito apontam o dedo para o Paquistão e, quando se contabiliza uma guerra de 20 anos que custou mais de um trilhão de dólares e resultou na perda de quase 2.000 soldados americanos, todas as armas serão apontadas para o Paquistão;
2. O objetivo final é isolar o Paquistão e encontrar uma boa “razão” para impor sanções paralisantes ao país. O suposto papel “dúbio” do Paquistão no Afeganistão, abrigando e auxiliando a Haqqani Network e o Quetta Shura, deveria fornecer aos EUA justificativa suficiente para fazer exatamente isso. Uma campanha de mídia hostil, organizada e direcionada para pintar o Paquistão como um país que abriga e patrocina organizações terroristas tem sido eficaz. A contra narrativa do Paquistão não tem aceitadores;
3. O GAFI* imporá outras condições a serem cumpridas pelo Paquistão, caso seja retirado da sua “lista cinza”. A ameaça sinistra de ser colocado na “lista negra” é onipresente.

Os perigos no Paquistão decorrentes da Tomada do Poder pelo Talibã não devem ser subestimados.

1. O hasteamento da bandeira talibã na capital do Paquistão, Islamabad (em Jamia Al Hafsa) deve ser motivo de preocupação. É uma indicação do que está por vir?
2. O confronto em Peshawar entre afegãos que comemoram o dia nacional de seu país e os paquistaneses demonstra a crescente assertividade dos afegãos que vivem no Paquistão;
3. A afiliação tribal e étnica dos pashtuns nas áreas fronteiriças do KP e da antiga FATA com o predomínio do Talibã pashtun tem implicações. A lealdade dos elementos “nacionalistas” (PTM) poderia ser minada e os interesses de segurança do estado do Paquistão comprometidos.

* A Força-Tarefa de Ação Financeira (FATF, Financial Action Task Force), também conhecida pela sigla GAFI, do francês Groupe d'Action Financière, é uma organização fundada pelo G7 para desenvolver políticas de combate à lavagem de dinheiro e o financiamento do terrorismo.

Haverá enormes benefícios para o Paquistão se um Afeganistão pacífico e amigável vier a existir. O caminho a seguir inclui:

1. Estar ciente das implicações da evolução da situação no Afeganistão. Muito corretamente, o Paquistão declarou inequivocamente que o reconhecimento de um governo talibã só virá em consulta com potências globais, especialmente os EUA;
2. Para se proteger contra possíveis represálias (sanções e GAFI), o Paquistão deve se concentrar em mudar as percepções internacionais sobre si mesmo. Uma maneira de fazer isso foi sugerida pelo colunista Nadeem F Paracha: "Precisamos diluir muito a narrativa nacionalista islâmica. Ela se tornou muito integrada à militância islâmica. Esta é a lente da qual a comunidade internacional mais ampla vê o Paquistão".

O primeiro-ministro Imran Khan e seus ministros precisam ouvir esse conselho sensato. Devemos avaliar objetivamente onde estão nossos próprios interesses e não permitir que nosso bom senso seja influenciado por sentimentos nacionalistas-islâmicos. Por enquanto, coloque as celebrações em espera.

**Aureo Vieira, coronel da reserva do Exército Brasileiro, é Bacharel em Ciências Militares pela AMAN, Mestre em Ciências Militares pela ECUME, Bacharel em Administração de Empresas, pós-graduado em Supervisão Escolar, em Análise de Inteligência e possui MBA em Gestão Estratégica de Recursos Humanos, além de dezenas de cursos do Peace Operations Training Institute da ONU e diversos cursos de gestão de pessoal, liderança, treinamento e planejamento estratégico. Foi instrutor da AMAN, comandou a 14ª Companhia de Polícia do Exército e o 2º Batalhão de Polícia do Exército, foi Oficial de Ligação da Missão das Nações Unidas no Timor Leste (UNMIT), assessor de defesa do Ministro Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, coordenador de viagens presenciais do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, adido do Exército Brasileiro e do Ministério da Defesa junto à Repúblida da Polônia e Repúblida Tcheca, e Chefe do Estado-Maior da 2ª Região Militar. Na reserva, atua como consultor de segurança, inteligência e gestão na Brazilian Target Consultoria Ltda.*
